

O que são os barcos feitos para afundar? Existem modos de inscrever novas naturezas além da utilidade grosseira, sublinhada. Victor Hugo escreveu barcos no mar e conheceu melhor o mar. Batize um dos seus objetos e este estará aberto para a transfiguração. Um pontilhado de embarcações luminosas soa alto como uma rachadura entre o passado celeste e as águas que se aproximam. “Vão fechar a linha do horizonte!” Amanhã decretarão o término das obras do infinito. Na fila dos blocos de vigilância cintilantes cada um possui seu nome e seu dono. Um rosto estampado-esculpido na proa e passos apressados que lhe dão voz e respiração. A esquadra de papel que cruzou leste>>oeste virou mólide suspenso. Barcos que foram feitos para afundar devem saber voar (conclusão de um poderoso Almirante de extensa imaginação). Não podem flutuar por muito tempo, recusam-se a voar sob condições descoloridas (“não precisamos de asas”). Por onde passam os barcos?



Nã  
F

<<Depare-se com uma atitude despretensiosa. Aceite, observe e conduza sua atenção até chegar ao sentido, pois esse nunca é dado. A Lógica do Corriqueiro é o caminho de sua grandeza. Faça, reduza e empilhe barquinhos. Ou dê nós no tecido achado até o tecido se perder, desaparecido. Ainda, apanhe papéis e faça bolinhas. Arranje algumas pedras e deixe um desenho na areia. Transforme a banalidade em presente e construa significado. Veja o novo e instigante, o bobo, o potente e o sem base, sem fundo. Saia da base da montanha e suba ao cume. Depois retorne a base para poder olhar.>>

11.2011

Num canto da sala, meio equilibrado pela quina da parede, uma pilha de barquinhos de papel, quase um pequeno castelo. Na base há um de tamanho comum, como se feito com uma folha de caderno, sobre ele outro com metade do tamanho e sobre este outro ainda menor. Reduzem-se até o barquinho da ponta, minúsculo. É algo artesanal, aparentemente não muito difícil, mas que necessita de alguma habilidade e paciência para ser feito. Terminantemente inútil e à distância, totalmente desprovido de significado. É algo tão vazio e tão pontual, tão largamente reconhecido, que serve bem à construção.



A arte (ou artesania) da Engenharia Naval em Papel foi desenvolvida pelo historiador Lellison Souza, que nos fala das diversas conexões (lidas, ouvidas, vistas e sempre vividas) entre as estranhas águas e embarcações que tem reunido de memória durante algumas centenas de anos (talvez um pouco mais). Podemos despender um esforço para compreensão de que o despejo das memórias é similar ao despejo dos barcos. Frutos do trabalho acanhado de algum sujeito atirado para frente, os barquinhos podem ser encontrados navegando sem paragens, ou ancorados num porto temporário. Recolhidos, ou assimilados, passam a ter um dono e só será algo que preste caso seja visto de verdade, i.é, tomados como presente. Um procedimento catalisador e o ato de presentear (costume já adquirido pelo citado historiador). Dar um presente firma já um sentido na coisa despachada para o próximo dono.

A localização de Engenharia Naval em Papel nos ÍCPP's é de gênese, pois foi a primeira atividade intitulada “ínfimo corriqueiro”. Realizada no ((BOOM)) VIX (2011), contamos com a presença do próprio inventor da ENeP, realizando ação performática com feitura de barquinhos de papel e distribuição para o público. Aproveitando tal oportunidade ímpar, realizamos a gravação da feitura de embarcações num vídeo-manual e coletamos seu depoimento.



Dando continuidade a importante tarefa de erguer barcos em pilhas, surgem os cartões-poemas [ação 01], ancorados entre páginas à espera de dobrar corriqueiras. Faça, reduze, empilhe barquinhos.

No ato de construir conexões de memórias a partir do que possa haver de menos alardeado, nos voltamos para a cidade de Santa Leopoldina para lembrarmos que um rio é um mar, que um mar é um rio, que barcos costumam servir para navegar, mas alguns são feitos para afundar, outros para voar. Gostaríamos de passar de um continente para outro, com uma esquadra formada de palavras e ideias pequenas, de tamanho suficiente apenas para dobrar com o polegar e o indicador.

De um lado a outro, adentramos a história de Porto de Cachoeiro, filha do sol e das águas [Canaã, Graça Aranha]. Às margens do rio Santa Maria, tornou-se ponto de encontro entre tropeiros e canoeiros. De St.<sup>a</sup> Leopoldina, o café e outras mercadorias dirigiam-se para Vitória, e já não se sabia onde os barquinhos estavam, se no rio ou se no mar.

Distribuímos os barcos-poema com frases escolhidas a dedo pelo inventor da ENeP, porque água é sempre água e o navegar é sempre impreciso. Se você está no interior, você também está na margem, já que todos os mares são sempre mares de morros.

Desaguamos barquinhos criados para a dissolução, pois flutuar é quase o mesmo que afundar, contanto que saiba onde as águas chegarão e em que porto você deve estacar. Se seguro com suas próprias cores, ou indistinto de tudo mais.

SEPTENTRION.

XARAYES

Liga de los Xarayes

Tierra de los Rayos

MOXOS.

Colombia  
Bogotá  
Popayán  
Yarum  
Chiquito

ICAS.

Val de Xana

Val de Calchique

MAIAS

TROPICVS

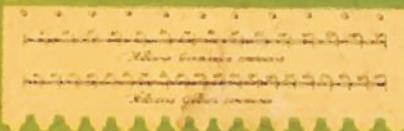
TVCVMAN

Daguitas

laries

MERIDIES

Río de la plata



BRASIL

CAPRICORNUS



MAR

DEL NORT.



AMETEYODAMI  
Escudelat losaenes  
Istomales

Uma ideia a navegar...

Onde deseja que ela ancore?

O que precisar ir, para continuar sendo?

Toda viagem tem um motivo, ou a todo motivo cabe uma viagem...

É incontável o número e o gênero de pensadores e artistas que já mencionaram a honra e a necessidade de se se lançar ao mar - e não por acaso existem dois. Um mar tão metafórico quanto possível, aquele das reentrâncias e finitudes humanas, ao mesmo tempo tão parecido com esse, físico e infinito, que se avista na costa. Este vasto e dúvida lugar, tão assustador, embriagante, que presentifica as mais doces historias, as caudalosas aventuras e o próprio homem achando-se no desconhecido é o que confere reflexão a proposta da ação educativa da mostra “Engenharia Naval em Papel”, do Coletivo Monográfico.

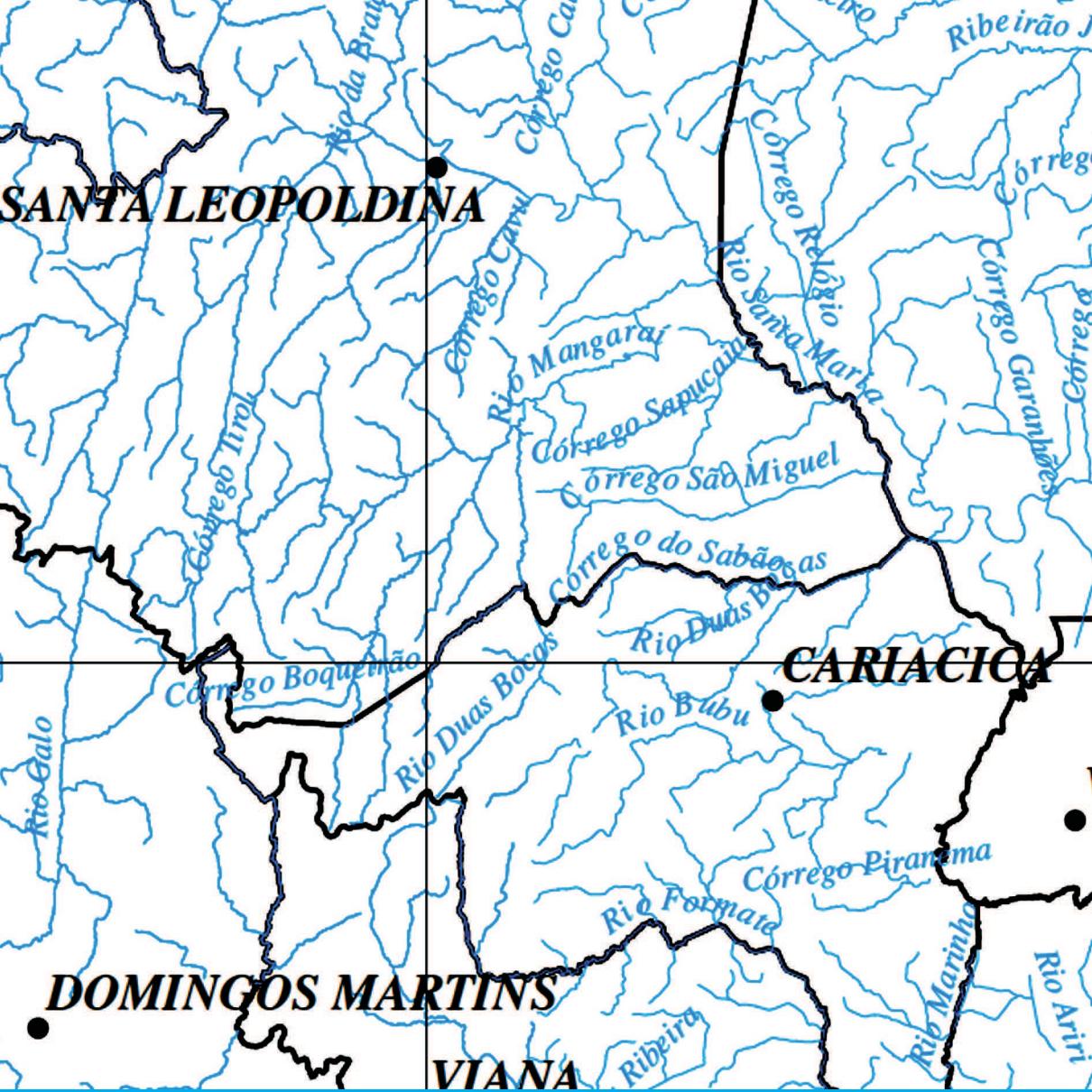
O mar visível e salgado, porém, nem de longe é tão traiçoeiro quanto aquele das ideias. Onde a sua imensidão se forma a partir de pequenos e médios fluxos, que vão se encontrando, mesmo ante as intemperes naturais ou mecânicas, até que todas as águas se tornam uma ainda que os vários nomes o especifique de um lugar a outro. Embrenhar-se no mar físico, que afasta continentes e culturas, e que também permite travessias encantadoras é o que torna tão imensurável a existência humana, tanto quanto ir a Lua. Há certos mares que só barcos navegam, e há outros que só se exploram com palavras.

**SANTA LEOPOLDINA**

**CARIACICA**

**DOMINGOS MARTINS**

**VIANA**

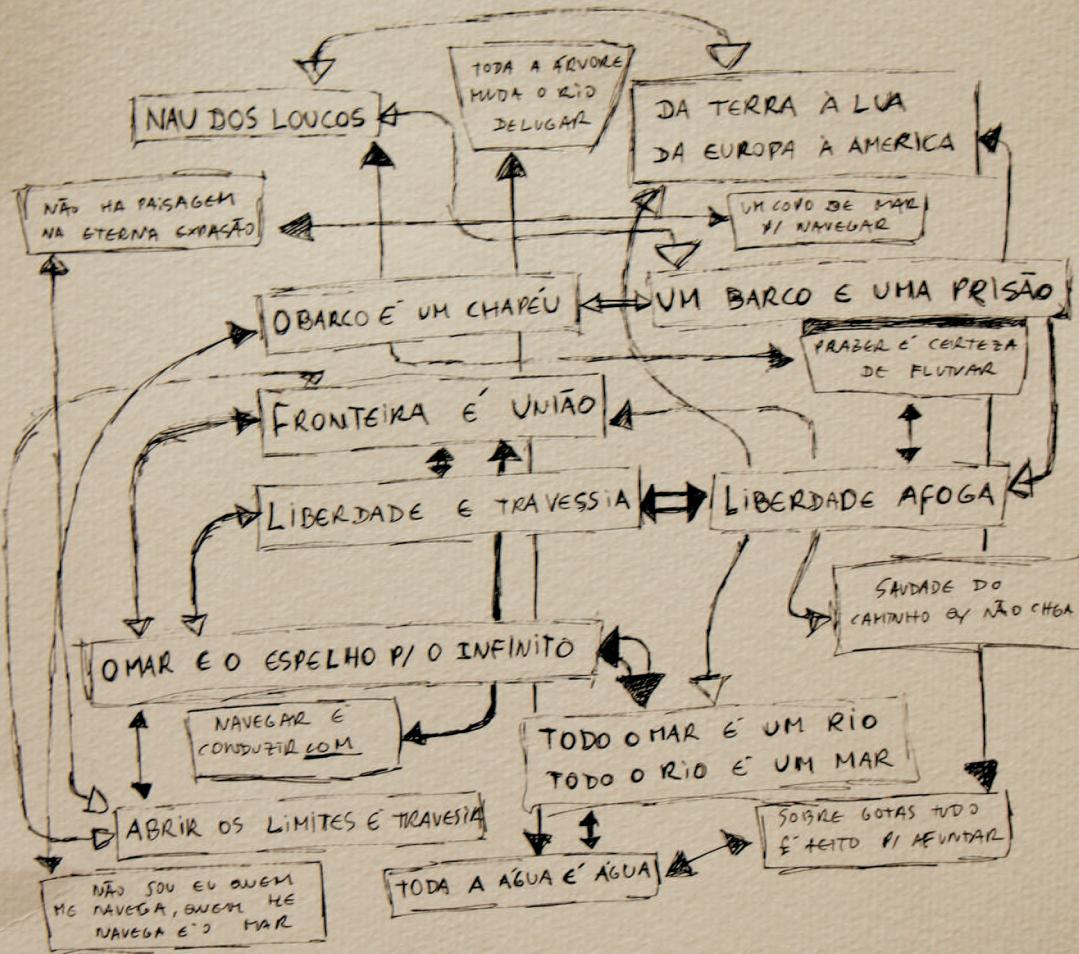


É assim, navegando e questionando, que se chega sem saber que chegou numa outra paisagem, e que se encontrou no mito, vencido, a si próprio como autor.

Então, que sejam registradas essas travessias e trajetórias no formato de Cartas Náuticas. Cada carta produzida terá a escala e afetividade própria do navegador, as expectativas, os erros e desenlaces. Um conto salvo em proporções marítimas, que nasce onde não se sabe e que talvez não termine. Não existe uma função particular da mediação, apenas em estar a bombordo por aqueles que também navegarão pela mostra. O descobrimento de um percurso a instalação será de total autonomia do espectador-navegante e da sua locução poética a obra.

## ENEP

ENGENHARIA NAVAL EM PAPEL



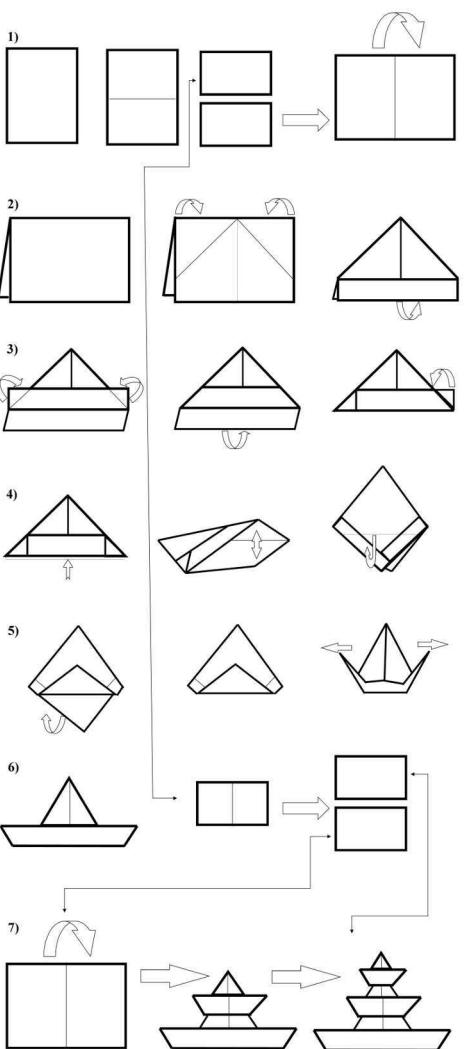
Há uma contingência interessante quanto a realização da obra até sua exibição. A arte/ação que inicialmente se constituiu fora, e de certa maneira independentemente, do campo institucionalizado requer o espaço da arte para que se apresente; parte do espaço público ao privado institucional - para voltar a ser público. Mas de que ordem será esse movimento que a arte atual segue?

Um eco quando não ouvido cala a ação?

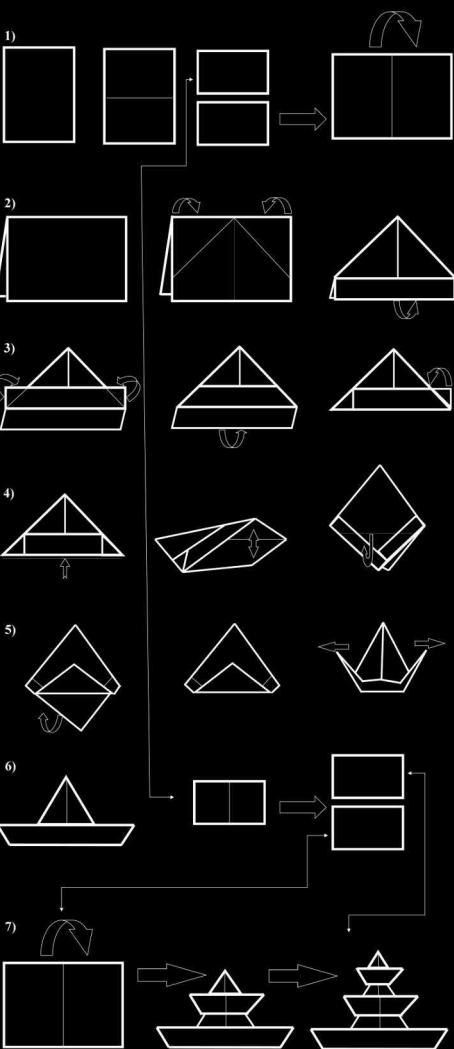
Para alguns, o local de exposição ainda sustenta o que se entende como arte. Protegida entre paredes de uma galeria ou de um museu a mágica se torna real. Nessa ideia, então, é primordial a visão, presença e a participação do público para que arte seja definida como tal e não apenas a sua concepção dentre os que assim sabem.

Contudo, vê-se uma mudança loquaz de paradigmas sobre o lugar da arte. A contemporaneidade tem lançado mão de espaços cada vez menos físicos para concretude de ações e projetos artísticos. A arte urbana, propriamente, nada mais é que o uso contundente do espaço de vida comunitária no qual as galerias e museus coabitam, com a exibição de tantas expressões e linguagens facilmente reconhecidas do público, que sim, transporta sua habilidade de leitura e experiência estética a esses encontros/contatos.

## ... Faça, Reduza e Empilhe Barquinhos ...



## ... Faça, Reduza e Empilhe Barquinhos ...



Para tanto, o que é aparentemente simplório no ato de confeccionar uma esquadra poética continua a ser um gesto puramente artístico e urbano, e que arranca olhares e atenção. Não há uma necessidade sujeita nessa produção “pormenor e possessiva”, tão pouco um valor que se possa dar a um trabalho tão “ínfimo e corriqueiro”, contudo a fabricação é sustentável, os barcos se tornam presentes. Tal singularidade fratura a menor pretensão que o trabalho possa ter. Nisso o trabalho proposto ganha novas dimensões; não se trata de ter no lugar o significado da obra, mas usa-lo a favor da linguagem.

Assim, explorar os lugares, apropriando-se dos mais tênues discursos, tornam tal movimento da arte, entre público e privado, bem mais profícuo. Pois que, trabalho nenhum que parte do público se instala sem ter em si alguma proximidade com a referente realidade. As chaves de argumentação devem estar seguramente próximas daqueles que são, portanto, co-autores da obra/ação.

**Horrana De Kássia Santoz**